

Mapeando discussões de gênero e sexualidade no ENPEC e na ANPED Sul

Mapping genre and sexuality debate in the ENPEC and the ANPED South

Aline Teresinha Walczak

Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA

Eliane Gonçalves dos Santos

Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS

Cerro Largo - Brasil

Resumo

A sociedade é constituída por meio de discursos e práticas estereotipadas e disciplinares em relação as questões de gênero e sexualidade, sendo a escola, uma das instâncias sociais (re) produtora destes. Esta é uma pesquisa documental, qualitativa em Educação, com objetivo de problematizar e investigar as abordagens das questões de gênero e sexualidade nos espaços escolares, em dois eventos da área da Educação. Da análise, emergiram as categorias: i) Escola como um espaço para as discussões de gênero e ii) Concepções dos professores sobre o trabalho com as questões de gênero e sexualidade. Os resultados sinalizam que a escola apresenta um discurso (re) produtor de práticas sociais que buscam disciplinar, enquadrar, silenciar e diferenciar os corpos, e que há falta de debates e esclarecimentos sobre a temática durante a formação inicial de professores.

Palavras-chave: Gênero e Sexualidade; Formação de professores; Espaços escolares.

Abstract

Society is represented by stereotyped and disciplinary discourse and practices in relation to question of genre and sexuality, being the school, one of the social institution (re) producer of them. This is a documental research, qualitative in Education. The objective is to problematize and investigate the approaches of genre and sexuality issues in school environment in two events from Education area. From the analysis rise the following categories: i) School as a space for genre debate and ii) Conceptions of teachers about the work with genre and sexuality issues. The results show that school present a discourse (re) producer of social practice that seek for discipline, frame, and silence and differentiate the students, what there is a lack of debate and clarification about the theme during teachers' initial formation.

Key words: Genre and Sexuality; Teachers' Formation; School Environment.

Introdução

Temáticas como gênero e sexualidade crescentemente vêm sendo colocadas em discussão nos espaços sociais, e em simultâneo, nos espaços escolares, de forma cada vez mais estereotipada, regrada, com o objetivo de controlar os corpos e o que se fala dele (FOUCAULT, 1997). Contudo, constantemente, estes discursos e formas de controle são modificados, de modo em que podemos dizer que “Instantaneidade, inconstância e imprevisibilidade estão entre as condições que caracterizam o mundo que habitamos” (MAGALHÃES; ESPERANÇA, 2012, p. 15), no qual a sociedade evolui ao passo que novos discursos e com eles novas práticas sociais são produzidas e reproduzidas com o passar dos tempos.

Assim, (re) produzem-se ao longo das atividades humanas representações do que é ser homem e mulher em sociedade, formas de viver a sexualidade e estereótipos de gênero, que são (re) significadas por meio de discursos que circulam nos espaços (SILVA; MAGALHÃES, 2013), (re) moldurando as práticas e saberes sobre a temática de acordo com determinado período histórico. Segundo Foucault (1986), os discursos são construídos, modificados e legitimados a partir das relações de poder, assumindo caráter de verdade de acordo com os diferentes contextos, diferenciando, enquadrando e padronizando os sujeitos de acordo com as expectativas sociais referentes aos padrões de masculinidade, feminilidade e sexualidade, impondo a heterossexualidade como única opção normal, saudável e correta, ficando a margem tudo que converge disso (BENTO, 2011; SILVA; TORRES, 2012; BUTTLER 2001; LOURO, 1997). Bento (2011, p. 551) ressalta:

Após o nascimento da criança, as tecnologias discursivas dirigem-se à preparação do corpo para que desempenhe com êxito o gênero. O mundo infantil se constrói sobre proibições e afirmações. Essa pedagogia dos gêneros hegemônicos tem como objetivo preparar os corpos para a vida referenciada na heterossexualidade, construída a partir da ideologia da complementaridade dos sexos.

Estes discursos, presentes no contexto social, se encontram simultaneamente também no contexto escolar, a partir do pressuposto que a escola, por ser uma instituição social, não pode e nem deve se desvincular das práticas e discursos presentes na sociedade. A escola é um espaço plural, com diferentes expressões de gênero e sexualidade, e que contribui para a constituição da identidade dos sujeitos. Nesse sentido, também é importante salientar como a mesma, em conjunto com diversas outras

instâncias sociais como a igreja, a mídia e a família “apresentam determinadas representações para nos constituir; tornamo-nos sujeitos a partir de tais representações culturais, elas delimitam e habilitam o que podemos ser” (QUADRADO, p. 20, 2013).

Desta forma, por ser um espaço constituído pela diversidade de sujeitos advindos de distintos contextos, com diferentes culturas, crenças e valores, a escola, se constitui como um espaço plural, no qual a diferença além de se fazer presente se manifesta ao longo do cotidiano letivo (AZEVEDO; SOUSA, 2013). Destacamos assim a importância da escola nas discussões sobre gênero e sexualidade, pois, além de seu papel como construtora do conhecimento científico, a mesma se constitui também como construtora e socializadora das problemáticas e conhecimentos sociais e culturais, formando sujeitos para a cidadania, o respeito com as individualidades e diversidades dos sujeitos, sendo um espaço propício “[...] para a inclusão das diversidades sexuais e de gênero pelo viés dos direitos humanos na escola e na sociedade” (SEFFNER; PICCHETTI, 2014, p. 69).

Considerando a importância da escola nas discussões da temática gênero e sexualidade, bem como seu papel no desenvolvimento de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária, o presente artigo teve como objetivo realizar o estado do conhecimento frente as discussões de gênero e sexualidade em espaços escolares nos anais de dois grandes eventos da área de Educação: IX, X e XI ENPEC e IX, X e XI ANPEd SUL, para verificar se a educação sexual e de gênero teve maior visibilidade e espaço de discussão na última década, analisando nos trabalhos como os mesmos discutem a temática.

O Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) é promovido pela Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC), tendo como objetivo possibilitar o encontro e interação entre pesquisadores da Educação de áreas como a Biologia, Química e Física, para assim trocarem experiências e realizarem discussões pertinentes a novidades de trabalhos da área, acontecendo de forma bienal. Já os eventos da ANPEd, incluindo a ANPEd Sul, também ocorre de forma bienal, acontecendo em cada uma das cinco regiões do país, intercalando com a reunião Nacional, que ocorre nos anos ímpares. Os eventos têm como finalidade propiciar um espaço adequado para discutir questões como o desenvolvimento científico de cada região e do país, bem como oportunizar reflexões sobre desafios da pesquisa de cada região e das temáticas que compõe as pesquisas de educação do país.

Metodologia

O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa em educação, de caráter documental, realizada a partir da análise temática, conforme os subsídios teóricos de Lüdke e André (2001). A pesquisa foi realizada a partir da análise de trabalhos disponíveis nos anais de dois eventos da área de Educação, escolhidos pela importância que os mesmos representam, além de ambos apresentarem eixos específicos sobre gênero e sexualidade. O recorte temporal para o desenvolvimento da investigação corresponde aos últimos três anais disponíveis dos eventos, a saber: IX, X e XI ENPEC (anos de 2013, 2015 e 2017) e IX, X e XI ANPEd SUL (anos de 2012, 2014 e 2016), para determinar a visibilidade que a temática teve nos últimos anos. Desta forma, buscamos identificar e analisar as publicações referentes às questões de gênero e sexualidade no ensino. Para realizar a pesquisa foram utilizados os seguintes descritores: gênero na escola, sexualidade, sexualidade na escola e sexualidade no ensino.

Após a definição de quais eventos seriam analisados, seguimos com a Análise de Conteúdo (LUDKE; ANDRÉ, 2001) dos trabalhos, que se constitui em três etapas, sendo estas: 1- A pré-análise; 2- A exploração do material; e, por fim, 3 - O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação. Assim, na pré-análise, realizamos a busca por documentos nos anais dos respectivos eventos, fazendo a leitura dos títulos e resumos para verificar se estes correspondiam com o objetivo do estudo, que era encontrar trabalhos que abordassem sobre as questões de gênero e sexualidade no ensino; na Exploração do Material, realizamos a leitura de todos os documentos selecionados, para verificar se a educação sexual e de gênero teve maior visibilidade e espaço de discussão nas escolas na última década, analisando nos trabalhos como e se os mesmos discutem a temática, visando destacar quais concepções referentes a gênero e sexualidade estão presentes na escola contemporânea.

O número total de trabalhos encontrados nos dois eventos analisados foi de 117, sendo que, após serem concluídas todas as etapas da Análise de Conteúdo, obtivemos como resultado um total de 58 trabalhos, registrados em forma de quadro (Quadro 1) para melhor sintetizar as informações encontradas. Para facilitar a organização e discussão dos resultados, os trabalhos foram nomeados em “A1, A2, ...An” sucessivamente, seguidos das outras informações contidas no quadro, como o título, ano e evento no qual cada trabalho foi publicizado.

Quadro 1: Artigos encontrados nas análises dos eventos referentes as questões de gênero e sexualidade no espaço escolar.

Artigos	Título	Ano	Evento
A1	Qual o preço de ser menina?	2012	ANPEd SUL
A2	Gênero e educação: investigando narrativas de vereadoras do município do rio grande/rs	2012	ANPEd SUL
A3	Relações de gênero na escola: currículo formal x currículo real	2012	ANPEd SUL
A4	“Bárbara, não vá criar confusão”: silêncios e silenciamentos nas relações de gênero	2012	ANPEd SUL
A5	“A galinha pintadinha e o galo carijó”: práticas que buscam fixar noções de gênero na educação infantil.	2012	ANPEd SUL
A6	Corpo, gênero e sexualidade em uma cena do cinema	2012	ANPEd SUL
A7	As relações de gênero: entre as fronteiras de masculinidades e feminilidades	2012	ANPEd SUL
A8	A orientação sexual no programa de educação de jovens e adultos do município de Criciúma	2012	ANPEd SUL
A9	Sobre a carreira docente, a feminização do magistério e a docência masculina na construção do gênero e da sexualidade infantil	2012	ANPEd SUL
A10	Gênero na educação infantil: uma análise de acontecimentos em sala de aula na perspectiva histórico-cultural	2012	ANPEd SUL
A11	Escola e educação sexual: uma relação necessária	2012	ANPEd SUL
A12	O cérebro e a naturalização das diferenças de gênero em um artefato de divulgação científica	2012	ANPEd SUL
A13	Clandestinidades: Imagens do diverso na educação	2012	ANPEd SUL
T14	Um estudo da produção acadêmica brasileira sobre homossexualidade na docência nas pesquisas em educação	2012	ANPEd SUL
A15	Repugnância, homofobia e educação à luz de Martha Nussbaum	2014	ANPEd SUL
A16	Professoras Transexuais e suas memórias como estudantes	2014	ANPEd SUL
A17	Escolhendo brinquedos na educação infantil: indicativos de reproduções e transformações de significações de gênero	2014	ANPEd SUL
A18	Um processo singular de subjetivação: de bicha preta favelada a professor universitário	2014	ANPEd SUL
A19	Análise da ideologia de gênero em livros didáticos de Língua Portuguesa: uma atualização das apresentações e representações	2014	ANPEd SUL
A20	A produção de feminilidades jovens contemporâneas	2014	ANPEd SUL
A21	Homoafetividade também frequenta a escola, mas por favor não assumo a sua homossexualidade pois você pode ter prejuízos à sua imagem	2014	ANPEd SUL
A22	Identidades de Gênero e Infância: erotização e pedofilização dos corpos na contemporaneidade	2014	ANPEd SUL
A23	Ensino de Filosofia: a escola como espaço de (des)construção de	2014	ANPEd

Mapeando discussões de gênero e sexualidade no ENPEC e na ANPED Sul

	gênero		SUL
A24	Educação sexual: do olhar de assombro e estranheza para o encontro com a beleza e com a surpresa	2014	ANPEd SUL
A25	Relações entre gênero e letramento nos cursos de licenciatura e m letras e pedagogia: uma problematização inicial.	2014	ANPEd SUL
A26	Gênero e sexualidade na escola: a dança como possibilidade de resistência	2016	ANPEd SUL
A27	Educação é um direito de todos?: breves apontamentos para uma reflexão acerca das demandas da população (trans) para a educação brasileira.	2016	ANPEd SUL
A28	Os micro-fascismos nossos de cada dia: captura e sujeição de corpos trans*1 - e outros - nos movimentos sociais, na escola e na academia	2016	ANPEd SUL
A29	Pne 2014: disputando um modelo biopolítico	2016	ANPEd SUL
A30	Gênero e raça: a escola diante do diferente busca o igual?	2016	ANPEd SUL
A31	“Mind the trap”: estranhando a norma	2016	ANPEd SUL
A32	“Vai ter shortinho, sim”: um ensaio sobre biopoder e feminismo popular na escola	2016	ANPEd SUL
A33	O plano nacional de políticas para as mulheres (PNPM) e as professoras mulheres: aproximações e distanciamentos entre as políticas públicas e a sala de aula	2016	ANPEd SUL
A34	Discurso, gênero e diversidade sexual: o que nos dizem as falas de professoras em processo de formação docente no gde?	2016	ANPEd SUL
A35	Ações docentes diante das manifestações da sexualidade	2016	ANPEd SUL
A36	Estudo Investigativo da disciplina Educação para a Sexualidade em escolas da rede municipal de Jequié-BA	2013	ENPEC
A37	Corpo, gênero e sexualidade no espaço escolar: lembranças de futuros/as professores/as	2013	ENPEC
A38	Educação Sexual no cenário escolar contemporâneo	2013	ENPEC
A39	A recreação como ferramenta metodológica para trabalhar sexualidade e gênero na educação infantil	2013	ENPEC
A40	Formação de Professores no Brasil e Questões de Gênero Feminino em Atividades Científicas	2015	ENPEC
A41	Articulando Química, questões raciais e de gênero numa Oficina sobre Diversidade desenvolvida no âmbito do PIBID: análise da contribuição dos recursos didáticos alternativos	2015	ENPEC
A42	Concepções de estudantes do Ensino Médio sobre Ciência e Gênero	2015	ENPEC
A43	Sexualidade e gênero na pauta escolar: mediações com a literatura paradidática	2015	ENPEC
A44	O currículo como artefato de subjetivação: a abordagem social da sexualidade	2015	ENPEC
A45	Conhecimento de Jovens e Adolescentes sobre Sexualidade: Análise em uma Escola Parceira do PIBID – UFPA	2015	ENPEC
A46	Concepções e temas correlatos de sexualidade de alunos do Ensino Fundamental	2015	ENPEC
A47	Ensino de Ciências por Investigação: problematizando a temática	2015	ENPEC

	Sexualidade através da Sequência Didática Interativa		
A48	Narrativas docentes sobre práticas de ensino de ciências na perspectiva da sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental	2017	ENPEC
A49	O ensino de ciências na educação inclusiva: o caso da sexualidade para adolescentes com deficiência intelectual	2017	ENPEC
A50	O uso do cinema no ensino de ciências: uma análise do filme Tomboy e as questões de corpo e gênero na escola	2017	ENPEC
A51	Preconceito e sexualidade em sala de aula – o (des)preparo docente frente ao dizer dos alunos	2017	ENPEC
A52	Problematizar o tema sexualidade no contexto escolar: reflexões sobre as lacunas da formação dos professores de ciências	2017	ENPEC
A53	Gênero: Questão Sociocientífica no Ensino de Ciências	2017	ENPEC
A54	Interesse de meninos e meninas durante visita ao espaço de educação não formal: concepção dos monitores	2017	ENPEC
A55	Discussão de gênero como questão sociocientífica	2017	ENPEC
A56	A educação em Ciências e a perspectiva de gênero	2017	ENPEC

Fonte: Walczak; Santos, 2018

Resultados E Discussão

Considerando que gênero é uma “construção social do masculino e do feminino” (SAFFIOTI, 2004, p. 45), e que a sexualidade atua em um conjunto de fatores no qual os sujeitos são expostos e vivenciam ao longo da vida, não se reduzindo apenas aos aspectos biológicos, mas, sim ao “modo pelo qual os indivíduos vão dar sentido e valor à sua conduta, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos” (FOUCAULT, 1998, p. 9), destacamos que nossa sociedade, por ser construída e organizada a partir de discursos que padronizam, moldam e diferenciam os sujeitos conforme jogos de verdades, cria ao longo do tempo sistemas de classificação e discriminação, determinando o que é considerado normal, natural e aceitável pelo contexto social.

Assim, o sujeito hétero, masculino e branco é classificado e reconhecido dentro da normatividade, competência e naturalidade imposta, o que fica a sua margem torna-se visto como anormal/diferente. A partir desta heteronormatividade e heteronormalização que se fundamenta a discriminação, exclusão e preconceito dos sujeitos (ARAÚJO, 2015; CÉSAR, 2004). Para Bento (2011, p. 552):

Nascemos e somos apresentados a uma única possibilidade de construirmos sentidos identitários para nossas sexualidades e gêneros. Há um controle minucioso na produção da heterossexualidade. E, como as práticas sexuais se dão na esfera do privado, será através do gênero que se tentará controlar e produzir a heterossexualidade.

Percebemos, por isso, que os discursos produzem as identidades dos sujeitos, seguindo determinado padrão imposto e reconhecido como “normal” na sociedade, produzindo binarismos entre sujeitos que não seguem os rótulos da normatividade. Foucault (1999) destaca que estes discursos produzidos a partir de jogos de verdade sobre os corpos, se estabelecem pelas relações presentes nos contextos sociais, que disciplinam os corpos na expectativa dos mesmos corresponderem às atitudes pertinentes a gênero e sexualidade consideradas corretas e normais para meninas e meninos (SOUZA, 2013), controlando os sujeitos e criando o que Foucault (1999) chamou de “corpos dóceis”.

Reconhecendo que os discursos estereotipados sobre gênero e sexualidade estão presentes em todos os espaços sociais, seja por meio de discursos ou práticas normativas e normalizantes, ressaltamos a escola como uma instituição privilegiada para problematizar, questionar, criticar, refletir e discutir sobre a temática dentro de um viés de desconstrução das visões heteronormativas, heteronormalizantes e sexistas. Essas visões reforçam os preconceitos e discriminações, a partir do pressuposto de que a mesma é um espaço marcado pela interação entre os sujeitos, além da troca de saberes, conhecimentos, percepções e entendimentos, sendo nesta interação com o outro que a diversidade e as diferenças se tornam visíveis e possíveis de serem trabalhadas (PAVANI; ANDREOLA, 2016; HEERDT; BATISTA, 2017).

Assim, por meio da análise realizada, que buscou investigar como as questões de gênero e sexualidade estão presentes nos espaços escolares (Quadro 1), identificamos um número significativo de trabalhos (56) que abordaram a temática, o que consideramos como um ponto positivo para o ensino, pois demonstra que cada vez mais pesquisadores da área compreendem a importância de investigar o assunto, dando mais visibilidade ao mesmo, permitindo discussões e reflexões sobre as questões de gênero e sexualidade no meio acadêmico e consequentemente nas instituições de ensino básico. Compreendendo o papel e a função social da escola na constituição dos sujeitos. Nos próximos subitens, apresentamos as duas categorias, que emergiram deste estudo.

i) Escola como um espaço para as discussões de gênero

Com relação à primeira categoria analisada, observamos, por meio do quadro, que os cinquenta e seis (56) trabalhos apresentaram a escola como sendo um espaço propício

para as discussões sobre gênero e sexualidade, seja pela multiplicidade de sujeitos com diferentes identidades que a constituem, seja pela relação social estabelecida entre estes sujeitos no espaço escolar, que potencializa a vivência e a transparência de suas sexualidades e identidades de gênero, ou pela função exercida como construtora do conhecimento e cidadania. Mas, o que se percebe é que a escola, assim como outras instituições sociais (re)produzem estereótipos, utilizam de artifícios e usam estratégias com o objetivo de delimitar os espaços de cada sujeito, diferenciando-os, invisibilizando-os e silenciando os que não se enquadram nos padrões impostos e aceitos socialmente (QUADRADO, 2013).

Neste contexto, destacamos que a escola, por ser instituição constitutiva da sociedade, é um espaço no qual se faz necessário o diálogo acerca das questões de gênero e sexualidade, buscando trazer esclarecimentos, reconhecimentos e conhecimentos, bem como confrontos e reflexões dos sujeitos sobre suas individualidades e as de outrem, de forma que os estudantes aprendam neste espaço plural, a respeitar as diferentes individualidades e identidades, e possam construir simultaneamente as suas próprias.

Nosso contexto social foi/é marcado pelo sexismo e pela hetenormatividade, em que o gênero feminino ainda é visto com sinônimo de inferioridade ao gênero masculino e apenas uma forma de sexualidade é reconhecida e aceita como “normal” e “natural”, sendo desprezado, ignorado e oprimido tudo que desvia e rejeita este padrão normativo (LOURO, 2000). Neste sentido, a escola, caracterizada como um espaço social, acaba (re)produzindo as concepções e preconceitos existentes no meio social, na perspectiva de que o preconceito não é isolado, e a escola, por ser uma instituição social, replica as conjunturas sociais da mesma (RIBEIRO, 2013). Esta condição demonstra a necessidade de os indivíduos estarem em constante estado de atenção nas práticas e discursos presentes no cotidiano escolar, no sentido de perceber e desconstruir rotineiramente os estereótipos que os envolvem os sujeitos escolarizados.

Desta forma, reconhecendo o papel social da escola que compreende uma grande diversidade de sujeitos de diferentes raças, classes, etnias, sexualidades e gênero, destacamos a necessidade de ser reconhecida e problematizada a premissa da mesma se constituir como um espaço que faz (re)produção dos preconceitos e das discriminações entre os sujeitos, bem como a busca pela padronização e classificação dos corpos, os

quais, por sua vez, são naturalizados em paralelo com o cotidiano escolar. Neste sentido, podemos dizer que a escola “[...] abriga uma diversidade de jovens, mas, mesmo assim, ainda reproduz um ensino homogêneo, que busca a formação e o enquadramento de tod@s.” (AMARAL; DOMINGUES; SILVA, 2013, p. 25).

Diante deste cenário, também chamamos a atenção para as políticas públicas curriculares, que são objeto de atenção dos setores mais conservadores da sociedade, que tentam silenciar e impedir abordagens e discussões sobre certas temáticas como a de gênero e sexualidade nas escolas. Referente a esta situação, apontamos que o currículo, não é neutro, que ele é resultado das construções sociais e das relações de poder nelas estabelecidas, fato que contribui na desconsideração e desvalorização da diversidade cultural presente nas escolas, colaborando com o cenário de padronização e rotulação dos sujeitos de acordo com suas características e preferências sexuais e de gênero (QUADRADO, 2013).

Com isso, se faz imprescindível compreender a importante função social que a escola representa no trabalho com as diversidades dos sujeitos, na inclusão e reconhecimento das diferenças e no combate a discriminações, preconceitos e estereótipos, ao priorizar a formação dos sujeitos para além do conhecimento científico, formando também para a equidade de gênero, cidadania, criticidade, reflexão e respeito às diversidades e às individualidades, precisando neste trabalho questionar, problematizar e refletir sobre os padrões impostos socialmente, a fim de desconstruir preconceitos, discriminações e estereótipos.

A partir das análises dos textos, percebermos o destaque dado aos espaços escolares como instituições que podem ser promotoras do trabalho com a temática, pois, conforme observado no excerto correspondente ao trabalho A37, a Escola “*está envolvida na produção de identidades sexuais e de gênero, bem como com a validação de determinadas formas de viver as masculinidades, as feminilidades e a sexualidade*” (A37, 2013, p. 3), e por isso, conforme A51, a mesma “*deve tratar das questões de gênero e dos diferentes tipos de orientação sexual a fim de problematizar as diversidades que compõe nossa vida social e dar maior visibilidade às minorias, buscando amenizar as desigualdades e preconceitos*” (A51, 2017, p. 2).

Além de observar a prevalência de trabalhos que abordavam a Escola como espaço social para discussões sobre gênero e sexualidade, foi possível identificar a forma

estereotipada como a mesma está presente neste espaço, como é destacado nos artigos analisados. Esta estereotipização sobre a temática no contexto escolar é respaldada pelo chamado “determinismo biológico”, que classifica e reduz o trabalho com o assunto e o tratamento dos sujeitos conforme suas características anatômicas e fisiológicas (CITELI, 2001; LOURO, 1997; SCOTT, 1995), afirmando que as identidades femininas e masculinas dos mesmos devem condizer com suas características fisiológicas e morfológicas, rejeitando qualquer tipo de identidade que fuja desta norma.

Neste pressuposto, inferências pertinentes a estes binarismos estereotipados entre homens e mulheres podem ser observados em A12 quando cita que “*existe uma ‘demanda cultural’ por explicações naturalizantes para os comportamentos de homens e mulheres, de modo que haveria um público interessado em acessar conhecimentos científicos que naturalizem e, assim, legitimem as diferenças de gênero*” (A12, 2012, p. 11). Sendo assim, este determinismo biológico classifica e padroniza as atitudes e capacidades de homens e mulheres de acordo com suas características biológicas, reduzindo principalmente as mulheres a subjetivação e inferiorização, ao classificá-las e diferenciá-las conforme características ditas como naturalmente femininas, como por exemplo, o sentimento, a emoção e a docilidade, diferentemente do homem, no qual teria de forma intrínseca características como capacidades racionais, objetivas e cognitivas superiores (HARAWAY, 1995).

Assim, percebe-se o quanto os gêneros são marcados por meio de oposições binárias, fato reconhecido e ressaltado nos 56 trabalhos analisados e pertencentes à categoria, como é evidenciado no seguinte trecho de A17:

as diferenças referentes ao masculino e ao feminino se sustentaram por longa data, em um discurso que naturalizava essas diferenças, postulando um padrão pré-social daqui que era esperado da categoria ‘homem’ e da categoria ‘mulher’, como se todas as mulheres ou todos os homens tivessem seus papéis, funções, comportamentos, modos de sentir prescritos. Deste modo, as diferenças entre homens e mulheres pautavam-se na distinção física entre ambos, determinando biologicamente toda e qualquer diferença entre masculino e feminino (A17, 2012, p. 3).

Desta forma, tudo que opõe este padrão binário imposto para o ser homem e ser mulher acaba ficando a margem, invisibilizado, para que não se tenha que lidar com ele, para que, ao silenciá-lo e excluí-lo, tudo continue “normal”, conforme aceito e imposto pelo contexto social. A escola, ao não discutir sobre estas questões, ignorando e calando-

se diante das situações pertinentes às temáticas decorrentes do cotidiano, contribui para a reprodução da indiferença perante o outro, do binarismo, das exclusões. Contudo, o espaço escolar pode ainda visibilizar e incluir o considerado diferente, desconstruir paradigmas e preconceitos do que é ser normal e anormal em nossa sociedade, colaborando na construção de uma sociedade mais igualitária e justa para todos.

Nas análises dos trabalhos, foi possível ainda observar e demarcar as concepções dos professores frente as atividades em sala de aula com a temática gênero e sexualidade, situação que será discutida na próxima categoria.

ii) Concepções dos professores sobre o trabalho com as questões de gênero e sexualidade

Identificamos nesta categoria vinte e nove (29) artigos (A3, A4, A7, A9, A10, A11, A15, A16, A17, A18, A23, A24, A25, A26, A30, A31, A32, A33, A34, A35, A36, A40, A42, A43, A44, A52, A53, A54, A55) que discutem as concepções dos professores ao trabalhar as questões de gênero e sexualidade em sala de aula, bem como as interferências destas concepções no processo de ensino e aprendizagem. Os referidos trabalhos apresentam que os professores da Escola Básica têm uma visão estereotipada sobre as questões de gênero, bem como preconceitos e discriminações pertinentes às identidades sexuais dos sujeitos, como é possível observar no excerto de A15: “[...] muitos professores ainda ditam as normas do que é coisa de menina e do que é coisa de menino, como se existissem padrões pré-estabelecidos e de que isso influencia até nos atos sexuais futuros” (A15, 2018, p. 7). Tal entendimento revela que falta compreensão e formação destes profissionais sobre o assunto, o que potencializa ainda mais os estereótipos e preconceitos na escola, quando esta deveria ser um espaço promotor da cidadania, respeito e tolerância entre os indivíduos.

Ao falar sobre temáticas como o gênero e a sexualidade dos sujeitos, a escola se organiza em torno dos conhecimentos científicos (RIBEIRO, 2013), fazendo assim a transmissão de conteúdos como das doenças sexualmente transmissíveis, os cuidados com a higiene, com a prevenção, a aprendizagem sobre os sistemas reprodutores internos e externos, bem como das normas e condutas esperadas, no qual “[...] a ideia de que o corpo, em suas possibilidades afetivas, relacionais, expressivas e sexuais não é abordado pel@s professor@s.” (AMARAL; DOMINGUES; SILVA, 2013, p. 23).

É importante atentarmos para o fato de que a partir do discurso biológico presente nas escolas as questões de gênero e sexualidade, as concepções e entendimentos dos alunos acabam sendo desconsiderados e silenciados. E há de forma “quase que natural” uma imposição de normas e conhecimentos hegemônicos, que colocam a ciência como verdade absoluta e incontestável frente aos outros conhecimentos (QUADRADO, 2013). Assim, a forma como os conhecimentos estão organizados no contexto escolar não contribuem de forma significativa na subjetivação dos alunos, estabelecendo diferenças e normatizações ditas “naturais” pela ciência e biologia dos corpos.

Ao analisar os fatores que contribuem para a reprodução das visões e padrões de gênero e sexualidade aceitos e considerados “normais” na sociedade, identificamos que os saberes aprendidos nas escolas estão intrinsecamente relacionados com as concepções e saberes dos professores, a partir do entendimento de que “[...] o/a professor/a vai estar sempre levando suas crenças e sua subjetividade agregados aos seus saberes para a sala de aula.” (ARAUJO, 2015, p. 5). Esta concepção pode ser observada em todos os trabalhos que esta categoria contempla, no qual A11 cita que: “em várias situações vivenciadas no ambiente escolar, o professor e a professora reproduzem suas experiências pessoais, seus valores religiosos, seus princípios familiares, dentre outros” (A11, 2012, p. 8).

Ainda, foi possível observar por meio das análises, um total de quinze (15) trabalhos que discutem o viés higienista e biologizante dado pelos professores ao trabalhar as questões de gênero e sexualidade em sala de aula (A3, A8, A11, A21, A24, A33, A35, A36, A38, A44, A45, A46, A47, A48, A49 e A51), limitando o mesmo em orientações sobre a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST); cuidados com o corpo; reprodução biológica dos seres vivos e o estudo dos órgãos genitais dos sujeitos, reduzindo o trabalho das questões de gênero e sexualidade apenas ao biológico dos corpos, ignorando as constituições, vivências e experiências dos sujeitos como seres sociais e sexualizados, conforme explicitado em A11.

Entre a maioria de professores e professoras permanece a concepção de sexualidade reduzida à compreensão biológica, enfatizando atividades que primam pelo caráter higienista e preventivos no âmbito da saúde. [...] sendo discutida nas aulas de ciências apenas como meio de informar quanto a doenças

sexualmente transmissíveis, sistema reprodutor, contracepção, dentre outros (A11, 2012, p. 9).

É importante destacar que ao reduzir a discussão da sexualidade meramente ao conhecimento fisiológico, aos cuidados do corpo e a reprodução, desconsidera-se a sexualidade e o gênero dos sujeitos como uma construção histórica e social, feita a partir da socialização entre os mesmos, e que por isso perpassa a racionalidade, à reprodução ou as características biológicas dos corpos, ao envolver outras questões intrínsecas do ser humano, como o sentimento, o desejo, as intimidades, o prazer, que são expressas cotidianamente nas ações e relações com os outros sujeitos (HARAWAY, 1995). Além disso, com base no pressuposto de que a sexualidade é constituída nas relações com o outro, podemos dizer que não existe uma única forma normal e natural de sexualidade e que a mesma não precisa seguir necessariamente um padrão de gênero. Há diferentes formas de sexualidades e de diferentes gêneros, existentes conforme as diversificadas situações sociais, culturais e identitárias.

Tal contexto sinaliza que o problema educacional também está relacionado com os ainda necessários avanços pertinente as discussões de gênero e sexualidade na formação inicial e continuada de professores, partindo do pressuposto de que muito já foi feito e sinalizado ao longo do tempo, contudo, muito ainda precisa avançar em relação as discussões e problematizações da temática, para que assim todos os professores possam estar preparados para lidar com casos de preconceito de gênero e discriminação, na lógica de impor-se e dialogar sobre situações que surgem no cotidiano escolar, conforme Araujo (2015, p. 7) “calar-se está longe de uma postura de neutralidade e significa cumplicidade com o preconceito, consequente da ignorância sobre o assunto”.

Sendo a escola um espaço social e plural, em muitos casos, ela reproduz suas contradições, em que o preconceito e discriminação estão presentes nas constituições dos estudantes, pais, professores, diretores e funcionários que frequentam o espaço escolar, sendo resultado de suas (pre)concepções e entendimento aprendidos em sociedade, e que assim, por meio do próprio currículo, a mesma acaba reafirmando e reproduzindo os discursos de heteronormatividade, as injustiças, as desigualdades de gênero, o sexismo, o machismo, entre outras problemáticas presentes nos discursos e práticas sociais.

Assim, podemos dizer que os estudos e discussões sobre a temática precisam ter espaço privilegiado na formação de professores, por meio de uma formação que aborde os aspectos e interfaces do assunto, para que desta forma possam ocorrer desconstruções dos paradigmas e discursos estereotipados destes futuros professores, estabelecendo-se a possibilidade de mudanças paradigmáticas nos mesmos com relação reconhecimento e tratamento das diversidades dos sujeitos escolarizados. Sinalizamos que o resultado encontrado na análise dos artigos indica que os professores têm concepções estereotipadas em relação ao gênero e sexualidade dos sujeitos, reflexo de suas apropriações culturais, sociais, históricas, religiosas, entre outras, que interferem consequentemente em suas práticas com a temática em sala de aula.

Estudos e discussões sobre gênero e sexualidade precisam estar presentes nos espaços escolares para haver a construção de uma sociedade mais livre, igualitária e humanista. Contudo, a lacuna na formação docente sobre o assunto deixa o trabalho da mesma, quando trabalhada, à mercê de concepções muitas vezes também estereotipadas dos professores. Desta forma, a formação inicial e continuada de professores com a temática de gênero e sexualidade (SILVA; TORRES, 2012), potencializa a desconstrução de estereótipos, a construção de conhecimento e o reconhecimento dos diferentes tipos de individualidades dos sujeitos, capacitando os professores no combate aos preconceitos, discriminações e visões sexistas, permitindo que a escola se constitua como um espaço aberto para o diálogo, reconhecimento e aceitação das diferenças, que visibiliza as questões sexuais e de gênero, em que estas poderão ser problematizadas, discutidas, refletidas, fazendo a formação dos sujeitos para a cidadania e o respeito com as diferenças.

Conclusão

As concepções e discursos pertinentes as questões de gênero, são resultados das construções histórico-sociais e culturais presentes de forma inerente desde antes do nascimento dos sujeitos e reforçadas cotidianamente ao longo do crescimento, estando assim, tão enraizados na sociedade e nos indivíduos que dela compõem, que acabam sendo naturalizadas e veladas, inclusive nos espaços escolares, em que são reforçadas.

A escola, espaço social de promoção do conhecimento, é uma das diversas instâncias sociais, assim como, a igreja, a família, a mídia - que buscam fazer a padronização dos corpos produzem o binarismo do que é ser homem e mulher em

sociedade, estabelece a heteronormatividade, (re) produzem estereótipos de gênero, tendo como base os discursos científicos para produzir verdades, disciplinar e controlar os corpos dos sujeitos. Desta forma, (re) produz o discurso biológico de que o gênero e a sexualidade é determinada de acordo com as características morfofisiológicas de cada um, impossibilitando o debate de que o gênero e a sexualidade não são escolhas, são sentimentos, ações, emoções, desejos, vontades, que já nascem nos sujeitos, que os constituem, fazem parte deles.

A partir das análises dos trabalhos selecionados, podemos observar significativo aumento de pesquisas que buscam evidenciar a temática gênero e sexualidade no espaço escolar, o que se configura como ponto positivo tanto em contexto educacional quanto social, ao passo que conforme a temática ganha destaque e visibilidade para problematizações e reflexões, ganha consequentemente maiores possibilidades de desconstrução das práticas e discursos sociais estereotipados, buscando colocar um ponto final no ciclo de produção e reprodução dos mesmos. Além disso, foi possível perceber como esta temática está presente nas escolas e nas concepções dos professores, em que na maioria das vezes, os discursos e práticas sociais estereotipadas se produzem e reproduzem.

Assim, destacamos para a necessidade da escola se reconstituir como espaço de construção do conhecimento, não apenas científico, mas também voltado para a formação cultural, cidadã, diversa, formando sujeitos que saibam reconhecer e respeitar as individualidades e diversidades de cada um, promovendo este entendimento por meio de problematizações, reflexões e discussões dos padrões de gênero e sexualidade estabelecidos pela sociedade. Ainda, torna-se importante frisar a necessidade de ampliar as discussões sobre a temática, no intuito de cada vez mais expressivamente percebermos a sociedade e a diversidade cultural que nos cerca, desconstruindo preconceitos e estereotipizações a partir de estudos, diálogos e práticas voltadas para o respeito e inclusão das diversidades.

Referências

AMARAL, Alessandra.; DOMINGUES, Josiane Vian.; SILVA, Méri Rosane Santos da. Escola, juventude e corpos modificados... . In: Paula Regina Costa Ribeiro.; Raquel Pereira Quadrado. **Corpos, gêneros e sexualidades:** questões possíveis para o currículo escolar. (Caderno Pedagógico – Anos Finais). Rio Grande: Editora da FURG, 2013. p. 23 – 29.

ARAUJO, D. Outras falas sobre gênero e sexualidade na escola. **Revista Periódicus. Salvador**, v. 1, n. 2, p. 19-27, 2015. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12874>>. Acesso em: 04 mai. 2018.

AZEVEDO, S. M. M. M.; SOUSA, M. L. de. Estudo Investigativo da disciplina Educação para a Sexualidade em escolas da rede municipal de Jequié-BA. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 9., 2013, Águas de Lindóia. **Atas... Águas de Lindóia: ABRAPEC**, 2013. p. 1-8. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/ixenpec/atas/resumos/R0831-1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, mai./ago, p.549- 559, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

BUTLER, J. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: Guacira Lopes Louro. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 151 – 268, 2001. Disponível em: <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/12/corpos-que-pesam-sobre-os-limites-discursivos-do-sexo-judith-butler/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Da escola disciplinar à pedagogia do controle**. 173 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2004. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/252663/1/Cesar_MariaRitadeAssis_D.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018

CITELI, M. T. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9, n.1, jan./abr, p.131-145, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000100007>>. Acesso em: 04 set. 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____. **A história da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 5, jul./dez, p. 7-41, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

HEERDT, Bettina; BATISTA, Irinéa de Lourdes. SABERES DOCENTES: MULHERES NA CIÊNCIA. In: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 11., 2017,

Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABRAPEC, 2017. p. 1-9. Disponível em: <<http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R0549-1.pdf>>. Acesso em: 29 nov 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez. 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/46833>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Epu, 2001.

MAGALHÃES, Joanalira Carpes; ESPERANÇA, Joice Araújo. Educação a distância e formação docente: desafios e problematizações sobre os processos de ensinar e aprender na contemporaneidade. In: Paula Regina Costa Ribeiro.; Ana Luiza Cheffe Costa.; Suzana da Conceição de Barros. (Orgs). **Gênero e diversidade na escola: Saber em diálogos na educação a distância**. Rio Grande: FURG, 2012. p. 15-19.

PAVANI, Fabiane; ANDREOLA, Balduino Antonio. Desnaturalizar a opressão e as desigualdades na escola: educação de gênero, uma questão de valor civilizatório. **Conversas e controvérsias**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 6-28, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/conversasecontroversias/article/view/23661>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

QUADRADO, Raquel Pereira. Corpos Híbridos: Problematizando as Representações de Corpos no Currículo Escolar. In: Paula Regina Costa Ribeiro. **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar**. (Caderno Pedagógico – Anos Iniciais). Rio Grande: Editora da FURG, 2013. p.19-25.

RIBEIRO, Paula Regina. A sexualidade e o discurso biológico. In: Paula Regina Costa Ribeiro.; Raquel Pereira Quadrado. **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar**. (Caderno Pedagógico – Anos Finais). Rio Grande: Editora da FURG, 2013. p. 39 – 43.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. v. 20, n. 2, jul/dez, p. 1-35, 1995. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

SEFFNER, F.; PICCHETTI, Y. P. A escola pública brasileira e seu compromisso com a diversidade de gênero e sexualidade. In: Joanira Corpes Magalhães.; Paula Regina Costa Ribeiro. (Orgs.). **Educação para a Sexualidade**. Rio Grande: Editora da FURG, 2014, v. 23, p. 67-81.

SILVA, Fabiane Ferreira.; MAGALHÃES, Joanalira Carpes. Descolad@s, diverditid@s, atrevid@s e diferentes: discutindo representações de gênero. In: Paula Regina Costa Ribeiro.; Raquel Pereira Quadrado. **Corpos, gêneros e sexualidades:** questões possíveis para o currículo escolar. (Caderno Pedagógico – Anos Finais). Rio Grande: Editora da FURG, 2013. p. 30 – 34.

SILVA, A. T.; TORRES, I. C. Formação de professores em Diversidade Sexual e Gênero no Amazonas. In: 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações de Gênero - REDOR, 17., 2012, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Editora da UFPB, p. 1- 8, 2012. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/12/180>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

SOUZA, Nádia Geisa Silveira de. Que Corpo a Escola Produz?. In: Paula Regina Costa Ribeiro. **Corpos, gêneros e sexualidades:** questões possíveis para o currículo escolar. (Caderno Pedagógico – Anos Iniciais). Rio Grande: Editora da FURG, 2013. p.17- 18.

Sobre as autoras

Aline Teresinha Walczak

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciência Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA. Graduada em Licenciatura em Ciência Biológica pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. E-mail: alinewalczak@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4240-0769>

Eliane Gonçalves dos Santos

Doutora em Educação nas Ciências, pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, e do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS/Cerro Largo-RS
E-mail: eliane.santos@uffs.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8018-3331>

Recebido em: 23/05/2019

Aceito para publicação em: 20/06/2019